

O DOMINGO

SEMANARIO LITTERARIO E RECREATIVO

Pedastora e proprietaria— D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco,

As assignaturas para a Corte são de 2\$ por trimestre, 4\$ por semestre e 8\$ por anno. Para as provincias 5\$ por semestre e 10\$ por anno no escriptorio da redacção, rua do Principe dos Cajueiros n. 164 sobrado.

O DOMINGO

Rio, 26 de Abril de 1874.

A instrucção publica

I

Uma das mais palpitantes necessidades do paiz é a instrucção publica.

As nossas summidades politicas e litterarias empenham-se com vivas forças para disseminar: e realmente da capital do Imperio, que é a sêde do governo geral, essa propaganda se irradia pelas provincias.

Ainda bem, porque sem —instrucção— o povo não será mais que um manequim, que se fará girar á vontade de quem souber manejar-lhe a mola, fazendo-se periguar as instituições; porq' te incontestavelmente ellas perigarão quando o povo nos dias em que exerce sua soberania não comprehende a magnitude de seus direitos, e a grandeza de seus deveres.

E d'aquí, ou o despotismo que degrada, ou a anarchia que mata.

Instruir, pois, o povo é não só um rigoroso dever daquelles que governam, como de todos os que votam sincero amor á patria.

Em muitas das nossas provincias, a instrucção publica acha-se bastante atrasada; e infelizmente esta verdade inconcussa não tem calado no animo de seus habitantes.

Leibnitz, o immortal Leibnitz, que fez o assombro do seu seculo, dizia: « Dae-me um seculo de instrucção publica, e eu mudarei o aspecto do mundo. »

A nosso ver, permitta-se-nos a franqueza, entre as causas que retardam o desenvolvimento da instrucção publica, avultam as seguintes:

Falta de pessoal idoneo para o magisterio; falta de fiscalisação das escalas; deleixo dos pais de familia.

Crear escolas é traçar o caminho do progresso; é levantar altares á justiça, á moralidade e ao trabalho, á todas as grandes virtudes que nobilitam o homem.

Mas, crear escolas sem ter pessoal habilitado para loccionar, será tempo perdido, porque, segundo a elegante phrase de Julio Simon, é o mestre quem constitue a escola.

E, de feito, a escola sem o mestre é um templo sem levitas; e, á par da capacidade intellectual do professor deve haver a vocação.

A Escola Normal, ultimamente creada nesta Corte, pode preparar um pessoal habilitado; porque é nas escolas normaes que, conjunctamente com o desenvolvimento intellectual, se desperta a vocação para o ensino.

Na Suecia que, por certo não é um dos paizes mais adiantados da Europa, a instrucção dos alumnos mestres, tem dado magnificos resultados.

Alli, as escolas creadas por um grande homem, Rudenschold, onde os *decuriões* (*masters*) de 14 a 18 annos instruem os meninos de 16 a 12 annos, funcionam com grande esplendor.

E quando a fiscalisação não pode ser prescindida, estando a instrucção publica entregue a mãos habéis, que não acontecerá nos lugares em que os inspectores párochiaes e de districto não satisfazem o seu dever?

A inspecção das escolas, lemos em Léon Leben, é tão antiga como a propria escola; e de facto, da conveniente fiscalisação resulta em grande parte o aproveitamento daquelles que as frequentam.

Lançadas estas premissas, seja-nos licito emittir no proximo numero do nosso humilde Semanario as nossas ideias sobre o ensino obrigatorio.

(Continúa)

Escolas do domingo ou domingueiras

Estas escolas foram fundadas por Roberto Raikes, que exercia a profissão de impressor em Gloucester, onde nasceu em 1736

Raikes, que tomara primeiramente um grandissimo interesse na sorte dos presos, reconhecendo que a sua ignorancia e embrutecimento repelliam qualquer tentativa de melhoramento moral, cuidou na educação dos rapazes.

E magoado de ver todos os domingos os meninos da sua parochia andarem ás bulhas nas ruas, em um estado lamentoso de miseria e desamparo, escolheu quatro mulheres do seu bairro, que dirigiam pequenas escolas de leitura, e pagou-lhes um *schelling* cada domingo, debaixo da condição de receberem nesses dias tantos meninos quantos lhes enviassem.

Esta instituição teve o mais feliz resultado, e propagou-se pelas cidades e villas da Inglaterra.

Em 1735 formou-se uma sociedade central das escolas dos domingos, debaixo da direcção de W^m Fox; e em 1800 essas escolas foram introduzidas no paiz de Galles. Em 1803 já se contavam 177 escolas frequentadas por 300 meninos.

Nesse mesmo anno formou-se em Londres uma grande associação com o título de: *Union folke sunday's schools* - (União das escolas do domingo.)

Esta sociedade até hoje continúa publicar grande numero de obras elementares.

Na Inglaterra contam-se actualmente 14,000 escolas do domingo dirigidas por 145 mil mestres que ensinam gratuitamente 1.600 mil discipulos, e nos Estados Unidos 1.000,000 de discipulos e 100,000 mestres.

Launcester, um dos inventores do methodo do ensino mutuo, conversando uma occasião com Raikes, perguntou-lhe se entre os presos do condado tinha encontrado alguma vez discipulos seus.

Raikes, esse velho venerando, que tinha curado da educação de muitos milhares de meninos pobres, e consagrara as forças da sua vida a uma empreza tão bella, respondeu immediatamente "Nunca".

Oxalá que semelhante instituição seja animada entre nós, onde a educação de certas classes é nulla.

A immoralidade anda quasi sempre a par da falta de instrução; e o que se pode esperar de individuos de tenridade, a quem as suas familias apenas consentem em casa ás horas da comida, ou quando tem delles precisão, pois até chegam a ordenar-lhes expressamente que vão para a rua!

Como idade crescem-lhes os appetites, e como não tem meios para satisfazê-los, nem idea alguma do que é justo ou injusto, nem já pode haver freio que os domo, não ha excesso a que não se entreguem, e uma vez encetada a carreira do crime, caminham a passos de gigante para a sua perdição.

Desejámos que quando os paes faltassem aos filhos com aquella educação que ainda o mais pobre pode dar-lhes, fossem punidos correccionalmente, pois estamos persuadidos de que taes punições muitos remorsos poupariam aquelles, e muitos crimes a estes, e que assim aproveitaria a Nação cidadãos que, criados como brutos, só servem de deshonra-a.

LITTERATURA

É tão interessante, tão primorosa no estylo, e tão moral a *Historia de um cão*, que a publicamos transcrevendo-a das *Farpas* do muito fe tejado escriptor, Sr. Ramalho Ortigão.

Historia de um cão

Confessamos que a roda dos expostos, aquella voragem de existencias desgraçadas, contra a qual protestamos, tem no entanto aspectos sentimentaes e sympathicos. Eis um dos romances dessa instituição:

Chamava-se Nero, e era um cão. Filho de pres incognitos nascera ao conto de um mercado. Os varredores municipaes tinham-o levado na sua carroça e lançado a

uma das margens do Tejo com a immundicie matinal da cidade. Um rapazinho que ia banhar-se no rio, um momento depois dos despejos camararios encontrou-o na praia juncto de uma casa de melancia entre restos de hortaliça apedrecida, com o corpo immovel e molhado, a sua grossa cabeça inchada, de olhos cerrados, prostrado na areia.

Sentindo-se morrea, elle proteseava baixinho ganindo quasi imperceptivelmente. O rapazinho levantou-o. Estava mole e frio. Embrulhou-o na sua jaqueta, beijou-o no focinho peltitante, tenro, aveludado, cor de rosa, acalentou-o juncto da pelle por baixo da camisa e levou-o para casa, para a agua furtada onde vivia com a irmã, rapariga de 16 annos, costureira. Foi então que lhe puzeram o nome de Nero, por ser assim que se chamava o Terra Nova do dono da camisaria em que a costureira trabalhava.

Deram-lhe do café com leite que tinha para o almoço, mais leite do que café, porque o pequeno cedeu integralmente, em favor do cão seu protegido, da sua dotação de leite.

Tinham-no envolto em lã, dentro de um cesto, ao pé do lume, quando havia lume.

Nero abriu finalmente os olhos, castanhos, suaves, brilhantes como esmalte. Depois pouco e pouco foi-se-lhe desenvolvendo a cabeça. Dentro de alguns dias começou a andar pela casa. Em seguida empinaram-se-lhe as orelhas e entrou a crescer. Sabiu feio, muito feio mesmo; mas tinha qualidades: era intelligente, dedicado e sobrio. De resto, amava e era amado: tinha-se tornado um companheiro.

Um anno depois o rapaz entrava para o officio: era sapateiro. A irmã tinha começado a padecer. Estava magra descurada e triste. As picaduras da agulha no dedo sobresahiram com uma nodosa negra na pallidez macilenta da sua mão. Tinha-lhe sobrevivendo no rosto as nodosas chamadas de melancholia. Tinha-se-lhe aberto mais os olhos e a bocca. O nariz tambem parecia maior e de uma linha menos correcta. Ao mesmo tempo que estava mais triste egualmente mais feia. De quando em quando entreabria repetidamente os beiços movendo a lingua e dando uns pequenos sons molhados como quem provasse um gosto amargo. A miúdo salivava.

O irmão dormia em casa do mestre. Ella vivia só com o Nero.

Havia quinze dias que não tinha ido buscar obra á camiseira.

Uma noite sahio de casa, pela chuva, ás onze horas. Debaixo do guarda-chuva e da capa traçada para o homem, levava um volume como o da trouxa da sua costura. A lama tinha-lhe feito uma larga barra pesada e pegajosa na orla do vestido: esta barra reentrava com o movimento dos passos batendo-lhe nos talões das suas velhas botinas de durque. Ella arrastava os pés de cansaço, o que a não impedia de caminhar ligeiro, inclinando o chapéu de chuva deante do rosto, descendo dos passeios a cada encontro que fazia, e arredando-se dos trens que passavam no macadam e dos homens a pé que procuravam metter a cabeça por baixo das varetas gotejantes do seu guarda-chuva.

Atraz della ia o Nero.

A costureira parou primeiramente á esquina da calçada do Duque, por baixo do candieiro, apertando as palpitações do coração e espreitando ansiosa e tremula. Depois atravessou diagonalmente o largo de S. Roque e foi parar á esquina da rua que leva ao passeio de Alcantara. Em seguida, cingida com as casas do lado septentrional da praça, passou para debaixo do arco de entrada das cocheiras da companhia de carroagens. O largo estava deserto. A chuva cahia a torrentes, estrepitando na lama e nos vidros dos candieiros. Ella então, repentinamente, em um movimento de corça rodeada pelo latir dos cães, erguendo com uma mão a saia trepassada d'agua que se lhe envolvia nos joelhos, approximou-se de um buraco semelhante a uma orbita sem olho aberta no muro, e depoz ali o que levava sob a capa.

Ao subir, um soldado da guarda municipal, fazendo um movimento estrepitoso ao abrir a sua grossa capa de encerado, lançou-lhe a mão. Ella, dando um grito, cahiu de joelhos; pegou na mão do soldado, beijou-lh'a, pediu que lhe perdoasse; quiz dar-lhe meia libra e uma moeda de prata, dizendo-lhe:

(Continúa)

A Esperança

Sabeis o que é um filhinho unico?

Sabeis o que é concentrar todos os affectos n'um affecto só? viver exclusivamente para um ente querido? esquecer por elle o mundo? e um dia ver murchar aquelle filhinho a côr das faces? fugir-lhe dos labios aquelle sorriso? deixar de lhe brilhar nos olhos aquelle reflexo celeste? e vê-lo moribundo no berço? e perder noites e noutes a velar-lhe? e sentir despedaçar-se o coração quando o medico não responde já senão com evasivas?

Pois assim está aquella mãe desolada; até que, de repente, á força de pedir a vida para o filhinho, ou a morte para ella, sente em si uma transformação que mal se pode explicar, e erguendo-se por um impulso estranho, ignora se está passando por um sonho.

Que vio a pobre mãe?

Viu no meio da escuridão da sua camara despontar uma luz tão formosa como seria um raio de sol rompendo n'um sombrio carcere, e uma Virgem alta, de cabellos louros, velando-lhe o seio, de olhos verdes, de rosto suave, de roupagens alvas, chegar-se á ella, abraçá-la, e dar um beijo na creança doentinha.

Aquella beijo a creança sorriu-se pela primeira vez; aquelle sorriso a mãe deu um ai instinctivo de alegria; um como perfume de saúde aromatisou aquella camara, e a habitação da dôr converteu-se em um paraíso.

A creança, que havia tantos dias jazia entre dôres e chôros, estendeu os bracinhos para a mãe como a pedir-lhe o seio para n'elle brincar. A mãe, louca de alegria, deu um grito, arrancou-a do berço, e abraçou-a entre beijos tão estreitamente que a ia matando de amor.

Então a mãe, voltando-se para a Virgem, que sorria suavemente ao rever-se n'aquelle quadro de felicidade, obra sua, ajoelhou aos pés d'ella, e, por entre as bôas la-

grimas que não fazem doer, perguntou-lhe cheia de gratidão:

— « Quem és tu que nos trouxeste a salvação e a alegria? »

Olhou; mas não vio senão o raio de uma estrella brilhante a sumir-se; só ouviu uma voz suavissima que ao longe lhe respondia:

— « Sou a Esperança.

Era a Esperança.

Afflictos! quando, perdidos por qualquer das grandes dôres, já não atinardes com o porto de salvação, não succumbades, não vos lembreis do horroroso suicidio; mas, abacados á vossa dôr esperae, porque a Esperança é a ancha dos desgraçados.

PARTE RECREATIVA

O homem mais velho do mundo

Diz um jornal estrangeiro que o homem mais velho de todo mundo é Martim Coutinho, residente em Cabo Frio, provincia do Rio de Janeiro. Nasceu em 1694, de modo que tem vivido em tres seculos distinctos, e conta a bagatella de 180 annos.

179 annos, diz o mesmo jornal, contava de idade, em 14 de Abril de 1873, no mesmo municipio e provincia do Brazil, um dr. Jozé Courisio, que teve 5 mulheres, 42 filhos, 123 netos, 86 bisnetos, e 23 tataranetos: ao todo 274 successores.

Memorial de um porteiro

Morreu em Pariz no anno de 1869, na idade de 80 annos, o porteiro das Tulherias. Seus herdeiros, entre os poucos bens que elle deixou, encontraram um livro velho que continha só quatro paginas e nellas escripto o seguinte: « Mudanças no palacio—Napoleão Bonaparte, primeiro Consul, depois imperador dos francezes, entrou a 29 de fevreiro de 1800, vindo do palacio de Luxemburgo; mudou-se a 19 de março de 1814 para a ilha d'Elba.

« Luiz XVIII, rei da França e de Navarra entrou a 3 de maio de 1814, vindo da Inglaterra: mudou-se a 19 de março de 1815 para Gand.

« Napoleão, imperador dos francezes, entrou a 20 de março de 1815, e mudou-se a 3 de julho de 1815 para a ilha de Santa Helena.

« Luiz XVIII, rei da França e de Navarra, entrou a 18 de julho de 1815, e a 16 de setembro de 1824 mudou-se para o outro mundo.

« Carlos X, rei da França, entrou a 17 de setembro de 1824, mudando-se no dia 29 de julho de 1830 para a Escocia.

« O povo pariziense entrou em palacio no dia 29 de julho de 1830. vindo da rua, e mudou-se a 29 de agosto do mesmo anno para a rua.

« Luiz Philippe I entrou a 29 de julho de 1830 vindo do Palais-Royal, e mudou-se a 24 de fevereiro de 1848 para a Inglaterra.

« O povo de Pariz entrou a 20 de fevereiro de 1848 e mudou-se a 20 de março do dicto anno.

A mulher

RECITATIVO

« Coração de mulher, qual Philomela,
« He todo amor e canto no pé da roule
João de Lemos.

Ente sensível, por Deos destinado,
á ser amado, como a flôr mimosa,
de ti, a roza, n'um vaidoso enfado,
no verde prado se mostra ciosa!

Se joven, bella, matutina estrêlla,
côrte á donzella, só se vêem galantes,
astros volantes, qu'o amor atrêlla,
em torno d'ella, a girar constantes!

Se alva, formosa, qual a téla fina,
luz peregrina qu'a todos captiva,
he terna a diva, seo olhar fascina,
branca bonina, que dos Céos deriva!

S'ê moreninha, qual do jamba a côr,
he seo amor, ou faísca, ou chama!
que s'inflama, com o menor ardor,
meigo pudor só destingu'a dama!

Se ri, travessa, bolicozo olhar,
seo gentil ar, só provoca amor!
qual beija-flor, que do verde ramo,
liba a voar, o pollen da flor

Se melancolica, qual rola ferida,
que repellida, um abrigo implora,
o mundo explora, essa dor perdida,
n'alma vertida, que medita e ora!

Se mais, extreme, seo amor sublime,
Quem é que exprime em verso cadente?
Delirio ardente, é ás vezes crime
Qu'o peito opprime sem dizer que sente?

Rio Preto, Março de 1874.

D. Maria Leonilda Carneiro de Mendonça.

Romance em quatro idiomas

O poeta columbiano Joaquim Pablo Posada teve a particularidade de escrever para um album um romance em inglez, hespanhol, francez e italiano. Eis o romance, que não deixa de ter merecimento:

EM UM ALBUM

Thine eyes are the eyes of an angel
Que incendian el corazon,
E, qui voit ta bouche charmante
Senza tremare d'amor?

Snow and rose over thy face
Amoroso mezcla el sol;
Sur tes joues brillent les nuances,
Della regina dei fior

Ty smart and gentle shape
De Venus su cinta ató,
Et où sejourne des Grâces
Lo stesso Iddio lo formó.

Mayst thou live long and happy,
Feliz bogotana flor,
Que si je te vois heuruse
Anche felice saró.

Eis a tradução:

São teus olhos os olhos de um anjo,
Que mil chammas no peito produzem,
E teus labios quem vê sente amaras,
Pelos graças que a todos seduzem.

Neve e rosas mesclou-te no rosto
Louro Phéo, accendido de amores
E nas faces te brillam matizes,
Da mimosa rainha das flores.

No teu corpo gentil, elegante,
Bella Venus o cinto amarrou,
Aonde imperam formosas as Graças,
Que só Deus soberano formou.

Goza vida feliz e longeva,
Linda flor em Bogota nascida,
Pois se a sorte te der só venturas,
Eu feliz hei de ser toda a vida.

Charadas

Se criminosa ao tribunal me levão
Por vezes em me ouvir muitos se enlevão
Com outras combinada . . . 1
Sou producto animal de utilidade,
Serviços varios presto á humanidade,
Quando bem empregada . . . 1

Assim faço a quem devo, não desejo
Que me fação corar de indigno pejo . . . 2
Comquanto eu seja o effeito,
Precedo a causa, que illusão! soffrer-me
Não podem muitos, e não raro é ver-me
Em temporal desfeito.

No mato . . . 2
No mato . . . 2
No mato.

O Snr. Pedro Conrado de Niemeyer, alumno da Escola Central, mandou-nos a decifração da advinhação franceza publicada no n. 21, a qual é esta:

Allons souper, j'ai grand appetit.

A decifração das charadas do numero antecedente é:
a 1ª, Japão, a 2ª triplice, Papa Pio Nono, e a 3ª, Honorata.

Typ. da rua da Allandega n. 185.